



ESPAÑA ATINGE MAIOR INFLAÇÃO DOS ÚLTIMOS 37 ANOS

A crise econômica que tem atingido todo o continente europeu está levando a um grande processo de instabilidade e incerteza para a população. Um fato importante que demonstra essa questão, tem sido as sucessivas e significativas revisões dos percentuais que demonstram os resultados de como anda a economia espanhola.

O governo de Pedro Sánchez (PSOE), revisou a previsão de crescimento do PIB, que era de 3,5%, para 2,7%. No primeiro trimestre de 2022, o resultado foi de medíocre 0,2% de crescimento. A Espanha no ano de 2020 teve

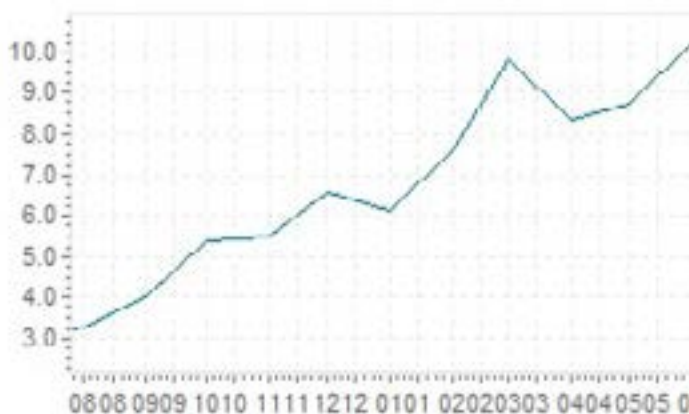


GRÁFICO: ELEVAÇÃO DO PERCENTUAL DA INFLAÇÃO NA ESPANHA NOS ÚLTIMOS 10 MESES

uma retração na casa -10,8%. Em 2021 o crescimento foi de 5,1%. Isso significa que a Espanha vai passar por mais um ano sem ter um crescimento econômico de

fato. Essa tem sido a tendência geral nos países europeus.

Com relação a inflação, a previsão do governo imperialista

para este ano de 2022, saiu 6,1% para 7,8%. Atualmente a inflação na Espanha chegou em 10,2%, o maior percentual dos últimos 37 anos.

Diferente dos demais países que fazem parte do grupo de principais países imperialistas da Europa, a Espanha está com uma elevada taxa de desemprego, se encontrando na casa de 13,1%.

Além da grave situação econômica, diversas greves vem ocorrendo no país. As mobilizações tem ocorrido principalmente com os trabalhadores do setor aéreo e ferroviário.

CRISE ECONÔMICA NA FRANÇA

A inflação francesa acumulada nos últimos doze meses chegou à 6,3%. Para o conjunto dos meses de 2022, está em 5,8%. No ano de 2021 havia ficado em 2,8%, e no mesmo mês do ano passado, se encontrava em 1,2%. Nesse sentido, pode-se observar que o país já vem sentindo o ônus das sanções imperialistas contra a Rússia, mas somente isso não justifica a situação, que já vinha em bancarota por conta da política econômica neoliberal de Macron.

A inflação na zona do euro chegou à 8,6%, sendo este o maior percentual desde 1999, quando

foi adotada a moeda comum. Isso significa que a política de elevação da taxa básica de juros dos bancos centrais dos países e do Banco Central Europeu não tem surtido efeitos para conter a inflação. A disparada tem sido puxada pela elevação em 42% nos preços da energia e em 8,2% nos alimentos e bebidas.

Macron já vem pedindo racionamento de uso de energia pela população e cogita desligar a iluminação pública em determinados períodos do dia. O governo francês também vai estatizar o setor de energia, tendo em vista o corte total do fornecimento de

gás que é feito pela Rússia.

Os trabalhadores vem respondendo a situação de caos econômico com diversas greves. No início do mês, os trabalhadores do setor aéreo provocaram o cancelamento de 20% dos voos no principal aeroporto do país. Os trabalhadores do setor rodoviário também entraram em greve contra a carestia e por aumentos salariais. Tudo isso tem ocorrido, mesmo com uma redução nos níveis de desemprego, que se encontra em 7,3% (ficou em 7,4% em 2021 e 7,9% em 2020).

O resultado do PIB francês para

o primeiro trimestre de 2022 foi uma retração de 0,2%. No conjunto dos 12 meses de 2021, o índice foi de 6,8%, o que significou que não existiu uma recuperação efetiva com relação ao ano de 2020, que foi o principal ano de danos econômicos advindos da pandemia de covid-19. Em 2020 a retração ficou na casa de -7,8%.

Desde 2002 a França vem tendo sucessivos resultados pífios de crescimento do PIB do país. Esse efeito também pode ser notado em diversos outros países do continente europeu.

PEC DA COMPRA DE VOTOS E DO ESTADO DE EMERGÊNCIA

Gabriel Araújo

No dia 14 de julho de 2022, o Congresso Nacional promulgou a Emenda Constitucional que cria o Estado de Emergência. A medida de iniciativa do governo federal recebeu o aval dos parlamentares da direita e da esquerda, dá para Bolsonaro R\$41,2 bilhões para que ele possa comprar votos durante o período eleitoral, além de estabelecer o Estado de Emergência, que aumenta os poderes do Executivo Federal.

A compra de votos vai se dar por meio do Auxílio Brasil (R\$26 bilhões), que vai sair de R\$400,00 para R\$600,00 até dezembro deste ano; voucher-caminhoneiro (R\$5,4 bilhões) de R\$1.000,00; Compensação para manutenção da competi-

vidade do etanol sobre a gasolina (R\$3,8 bilhões); Transporte Coletivo Gratuito para idosos (R\$2,5 bilhões); Auxílio-Taxista (R\$2 bilhões) de R\$200,00; Vale-Gás (R1,1 bilhão) bimestral que vai sair de R\$53,00 (mensal) para R\$120,00 (bimestral); Programa Alimenta Brasil (R\$500 milhões).

Toda essa distribuição de dinheiro ocorrerá somente durante o período eleitoral. No caso dos combustíveis, o que vai acontecer de fato, será o rapasse do governo do dinheiro público para os acionistas internacionais da Petrobrás, pois a política de preços dolarizada continua.

Soma-se a isso, o orçamento secreto, onde o governo e os parlamentares, podem manejar as emendas parlamentares de

relator da maneira que bem entenderem, sem nenhuma transparência para onde serão destinadas e de quem fez a destinação. As emendas parlamentares por si só, já configuram um processo de compra de voto e de apoio parlamentar, e agora serão feitas por debaixo dos panos.

A esquerda que a todo momento faz uma campanha histórica sobre a possibilidade de Bolsonaro dar um golpe militar e que é preciso fazer de tudo para evitar tal situação, jogou R\$41,2 bilhões para Bolsonaro comprar sua reeleição e pior ainda, ampliou seus poderes por meio do Estado de Emergência. Se uma pessoa teme ser golpeada politicamente por outra pessoa, porque diabos a possível vítima do golpe entregaria uma fortuna e apoiaria a elevação do poder do possível golpista? Se o

Supremo Tribunal Federal e o Tribunal Superior Eleitoral são os pilares da democracia, instituições que combatem o possível golpe de Bolsonaro, porque não fizeram absolutamente nada contra a PEC da Compra de Votos e do Estado de Emergência?

A luta contra o golpe de 2016 e contra o possível golpe de Bolsonaro, dessas pessoas, não passa de marketing eleitoral para tentar enganar a população dizendo que há "resistência" contra o regime político golpista. Essas pessoas, não podem, de forma alguma, ser levadas à sério pela classe operária, devem ser desmascaradas e denunciadas, enquanto barreira de contenção da luta popular e capitulados para o regime golpista.

CRISE POLÍTICA NA FRANÇA

A burguesia imperialista da França representada por Emmanuel Macron, teve de fazer uma manobra política delicada para conquistar a reeleição do referido banqueiro.

Macron, do A República Em Marcha! (LREM), obteve 58,54% no segundo turno. Em 2017 obteve 66,10%. Marine Le Pen, do Reagrupamento Nacional (RN), obteve 41,46% em 2022, frente aos 33,90% de 2017. Jean-Luc Mélançon, do França Insubmissa (FI), que representou a esquerda, saltou de 19,58% em 2017, para 21,95% em 2022.

Na França, a abstenção é enorme. No segundo turno, ficou na casa de 28%, sendo a maior desde 1969. No tocante as abstenções nas eleições legislativas, o índice foi de 53,8%. Essa situação eleitoral delicada de Macron se deu por conta do enorme desgaste do governo, devido seu programa político-econômico neoliberal, de completa devastação das condições de sobrevivência da classe trabalhadora.

Esse processo, além de ter se refletido nas eleições para presidência, ficou mais nítido com as eleições parlamentares

do país, onde o governo Macron perdeu a maioria governamental na Assembleia Nacional, a câmara baixa do país. O governo obteve apenas 245 cadeiras, o que lhe mantém com maioria. Porém, para ter a maioria governamental (absoluta), são necessários 289 assentos.

A extrema-direita, com o Reagrupamento Nacional, saiu de 8 assentos para 89. Este é o melhor resultado desde a criação do partido em 1950. A esquerda, com a coalizão de oposição chamada Nova União Popular Ecológica e Social, saiu de 80 deputados para 131. A direita tradicional, com Os

Repúblicanos e a União dos Democratas e Independentes, terá 61 cadeiras.

A crise política na França ganhou um incremento por meio das revelações das relações entre o Macron e a Uber, quando o primeiro ainda era Ministro da Economia, e trabalhou para o favorecimento da empresa, para prejudicar os taxistas e intensificar a precarização das relações de trabalho no país. Soma-se a isso, a intensificação das mobilizações grevistas de outros setores, contra a destruição da economia do país.